

Moças que amadurecem numa vocação que, como disse Paulo VI ⁽²⁾, “se situa na confluência de duas poderosas correntes cristãs: já consagradas pelos sacramentos do Batismo e da Confirmação, escolhem e propõem-se acentuar esta consagração a Deus com a profissão dos conselhos evangélicos”. Continuam leigas, empenhadas nos valores próprios do laicato, porém numa secularidade consagrada.

Com a consagração, é a Igreja que vai ao mundo, sendo este um dos desafios do Concílio ⁽³⁾. O papa da “*Evangelii Nuntiandi*” prossegue no seu discurso, comparando os Institutos Seculares a “algo semelhante ao laboratório experimental em que a Igreja verifica as modalidades completas de suas relações com o mundo”.

Carisma exigente, este. Na sua aplicação prática enfrenta a tensão entre a abertura aos valores do mundo moderno (autêntica secularização cristã) e a plena e profunda entrega do coração a Deus (experiência de consagração, cf. Puebla 775).

O Espírito Santo, que sopra como e onde quer (cf. Jo 3,8), inspira milhares destas moças consagradas — no Brasil há mais de 50 Institutos Seculares — para permanecerem crítica e evangelicamente “no mundo” (cf. Jo 17, 11-15), que elas escolheram como condição de sua existência cristã, como seu “convento”.

Elas continuam, cada qual com seu jeito de ser, a escrever páginas lindas na luta pela libertação da mulher dos condicionamentos sócio-políticos e culturais, bem como solidarizando-se com os deserdados e marginalizados.

Com elas também as batalhas feministas enveredam por caminhos mais construtivos, penetrando no âmbito tradicional da política, do sindicato, contribuindo decisivamente para a mudança daquilo que marginaliza a mulher na sociedade.

Betty Friedman escrevia em 1940 sobre a “mística da feminilidade”. Pois bem. Estas moças procuram viver hoje uma mística feminina própria. Mística que, na simplicidade evangélica — o feminino se casa bem com o espírito franciscano desde que o poverello de Assis chamou-o “*Madonna Pobreza*” — esforça-se por realizar um relacionamento particular com Deus.

Emitindo as promessas, ou votos, na presença dos responsáveis pelo Instituto, elas optam por uma entrega radical à causa do Reino, a exemplo de Maria, mãe de Jesus que, de certo modo, foi a primeira leiga consagrada.

São mulheres que se comprometem na obediência para formar-se numa consciência livre e madura.

São mulheres que se comprometem na pobreza a testemunhar uma maior libertação das “coisas” numa dimensão equilibrada de prudência e esperança.

É uma escolha da profissionalidade que proporciona uma independência pessoal e uma comunhão consciente com os homens e as mulheres do nosso tempo. Mas tudo isto significa um caminho de fé, e uma perspectiva de esperança para um serviço de amor.

NOTAS

⁽¹⁾ Documento de Puebla, Cap. sobre a Vida Consagrada, nn. 774-776.

⁽²⁾ Discurso pronunciado por Paulo VI na Assembléia Mundial dos Institutos Seculares em Roma, agosto de 1976.

⁽³⁾ Cap. IV da *Lumen Géntium*, sobre o Laicato.

Endereço do Autor:
Cx. Postal 5041 — ITESC
88041 FLORIANÓPOLIS, SC

Aspectos da Teologia do Feminino em João Paulo II.

Pe. Orlando Brandes
Prof. de Teologia Moral

Introdução

Já se disse que João Paulo II é “um devoto do homem”. Creio que também podemos dizer que ele é um “devoto da mulher” pela originalidade, profundidade e entusiasmo com que escreve sobre o tema. Em 22 alocuções dirigidas ao povo de Deus nas Audiências Gerais no Vaticano, precisamente de setembro de 1979 a abril de 1980, o Papa reflete sobre o corpo, a sexualidade, a mulher, o matrimônio, com o objetivo de preparar o Sínodo sobre a família (out. de 1980).

As reflexões obedecem a um rigoroso esquema dividido em três grandes partes: 1) “*No princípio*”, é a fase pré-histórica. 2) “*No coração*”, fase histórica após a queda original. 3) “*Na ressurreição*”, fase escatológica.

Nosso estudo se ateuve só ao aspecto da teologia do feminino e não foi possível seguir o esquema original acima exposto. Optamos por uma visão globalizante da teologia do Papa Wojtyła sobre a mulher em três momentos distintos: Primeiro, estudamos a teologia contida nas alocuções a que já aludimos. Segundo: trazemos as contribuições oferecidas no sínodo sobre os leigos, as quais irão iluminar os documentos pontifícios mais recentes. Terceiro: é a parte central do nosso estudo cujas fontes são as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio* (F.C.), *Christifidèles Laici* (C.

L.) e a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (M.D.).

É possível constatar que a teologia das alocuções aparece muito nitidamente nos documentos, especialmente na Carta Apostólica sobre a mulher. É difícil entender o conteúdo teológico dos documentos sem a teologia previamente conhecida pela leitura das alocuções. Há mais semelhança entre as alocuções e os documentos que entre estes e as propostas sinodais. Não queremos de modo algum dizer que o Papa não tenha sido fiel ao Sínodo, mas queremos clarear uma questão importante; é preciso familiaridade com o estilo de João Paulo II, para num segundo momento descobrir a profundidade e o alcance do mesmo. Talvez isto esteja faltando aos leitores de hoje.

a pessoa humana foi
programada para amar e ser
amada

A tese central defendida nos escritos que analisaremos é que, desde o princípio, a pessoa humana foi programada para amar e ser amada, e isto só pode acontecer no dom de si que requer a saída de si, e que por sua vez acaba no encontro de si mesmo. Quem quiser encontrar-se precisa sair de si, relacionar-se, comunicar-se. Este é o destino de toda a raça humana, de todas as comunidades.

I. A Teologia do Feminino nas Alocuções das Audiências Gerais.

1. "No Princípio"

Na famosa discussão sobre a indissolubilidade do matrimônio que encontramos em Mt 19 e Mc 10, Jesus coloca o fundamento da questão com as palavras: "no princípio". Isto significa uma volta ao livro do Gênesis, à teologia da criação, ao plano original do Criador, uma volta à "inocência original".

Criados à imagem e semelhança de Deus, homem e mulher foram moldados numa "unidade a dois" no estado de inocência original, a qual foi perdida com a queda de Adão e restabelecida pela redenção de Cristo que é uma "nova criação". A dureza de coração pertence ao ethos da queda; a indissolubilidade pertence ao ethos da criação, ao original. O matrimônio e a sexualidade conjugal constituem uma volta "ao princípio".

A primeira realidade concreta onde se percebe tudo isto é a masculinidade e a feminilidade; a experiência do corpo, que é uma consciência da corporeidade, expressa as potencialidades da pessoa humana. Corpo e pessoa se expressam mutuamente.

No princípio, a inocência original proporcionava um relacionamento de igualdade, respeito, dignidade, entre o homem e a mulher. Eram verdadeiramente "imagem e semelhança" da Trindade. A inocência permitia uma pureza corporal e uma retidão interna, retidão de consciência.

Jesus, na discussão com os fariseus, colocou o matrimônio na perspectiva do Criador. Ora tal posicionamento se torna possível porque Ele veio restaurar a inocência original e assim realizar a "nova criação" (2 Cor 5,17).

A finalização do sexo é a doação. Eis o sentido esponsal do corpo

2. O Significado Esponsal do Corpo.

Deus, no seu eterno amor, quis relacionar-se com a humanidade estabelecendo um diálogo em forma de aliança. O primeiro passo na concretização deste projeto divino é a criação. Deus quer ser esposo da humanidade. A criação é o primeiro dom em vista da aliança.

O homem e a mulher, criados à imagem de Deus, têm a missão de reproduzir em sua vida a comunhão trinitária. Assim, desde o princípio, homem e mulher estão chamados a ser dom um para o outro, a viver em reciprocidade, como na trindade o Pai é para o Filho e vice-versa. Ser pessoa é "ser para". O viver humano é sempre um conviver. Toda existência, uma pró-existência.

O corpo, em sua masculinidade e feminilidade, encarna esta reciprocidade e o sexo é sinal da criação, do dom original. A finalização do sexo é a doação. Eis o sentido

esponsal do corpo. No dom desinteressado de si, a pessoa humana encontra a si mesma. Ser pessoa humana é sair de si no dom desinteressado, afim de estar livre de si e então encontrar a si mesmo. A pessoa humana é alguém que, para encontrar-se, precisa estar "fora de si".

Eis o sentido esponsal do corpo enquanto amor-entrega e enquanto procriação. O sentido esponsal do corpo é o fundamento da existência da pessoa no mundo, isto é, a doação. Como o corpo só pode ser sexuado, entendemos que a masculinidade e feminilidade consiste no ser para o outro, na doação de si e no acolhimento do outro como dom.

3. O Significado da Nudez Original.

No estado de inocência original o homem e a mulher "estavam nus e não se envergonhavam" (Gn 2,25). Não havia motivo para pudor, vergonha ou culpa, porque o relacionamento interpessoal era regido pela doação, pelo respeito, pela pureza e pela interioridade. A nudez coincide com a inocência, com a consciência do sentido esponsal do corpo na doação e comunicação desinteressada, na radical simplicidade. Aí está a santidade e a festa. A justiça original determinava a "justiça erótica", o relacionamento reto, amigo, terno e solidário entre homem e mulher. Foi com a queda que veio a dureza de coração, o domínio, a luxúria, a culpa, a vergonha e o pudor.

4. A Mulher, Um "Segundo Eu".

A criação da mulher equivale ao aparecimento de um "segundo eu". Homem e mulher são semelhantes em dignidade. Daí a exclamação: "carne de minha carne" (Gn 2,23). Masculino e feminino são substanciais em termos de dignidade e semelhança. Uma "unidade a dois". Na medida, porém, que se tornam "uma só carne" (Gn 2,24), homem e mulher são semelhantes a Deus e modelo de comunhão para toda a humanidade e todas as formas de organização humana em comunidade. Desde a criação, a vocação do homem é doar-se. E esta vocação está inscrita na masculinidade e feminilidade. O corpo é sacramento da doação das pessoas. A comunhão das pessoas é o ethos da criação que Cristo veio restaurar. Comunhão de iguais em dignidade e de diferentes em individualidade, a "comunhão dos diferentes". Eis o futuro do mundo: conviver na diferença.

Terminamos aqui a primeira parte do nosso trabalho. Como já dissemos, esta teologia aparecerá de novo na Carta Apostólica sobre a mulher. Passaremos em seguida a refletir sobre a teologia do feminino na aula sinodal, que será também fonte e inspiração para as reflexões de João Paulo II sobre a vocação a missão da mulher na igreja e no mundo.

II. A Teologia do Feminino no Sínodo sobre os Leigos (1987)

1. A Mulher na Cultura e na Sociedade Atual.

Os padres sinodais constataram que, sem a erradicação do patriarcalismo e do paternalismo e do machismo, a mulher continuará sendo tratada como alguém inferior e vítima do sexismo. A discriminação da mulher é um pecado social que urgentemente deve ser superado, para que a mulher tome a dianteira nas coisas sociais e eclesiais. O turismo e indústria fazem da mulher uma mercadoria lucrativa. É preciso denunciar esta mentalidade consumista.

O Sínodo lembra que a emancipação da mulher não quer ser uma "identificação mecânica" com o homem, como se fosse preciso diminuir o valor da feminilidade e optar pela masculinização da mulher. O que se quer é fazer justiça partindo dos dotes naturais do feminino e da dignidade da pessoa.

a emancipação da mulher não quer ser uma "identificação mecânica" com o homem

2. Vocação e Missão da Mulher na Igreja.

O Sínodo elaborou uma animadora Igreja em relação à mulher na Igreja. Partindo do sacerdócio batismal, os padres sinodais recordaram um dado fundamental: pelo batismo a mulher participa do múnus sacerdotal, profético e régio de Jesus Cristo. Portanto, a mulher deveria ter acesso aos ministérios pastorais, aos ministérios do Acolitamento e Leitorato e ao Diaconato. Evite-se, é claro, a clericalização dos leigos, especialmente da mulher.

Um padre sinodal lembrou que na Igreja, Maria ocupa um lugar mais alto que Pedro. Pela mariologia temos um fundamento seguro para a compreensão da teologia do laicato. Nenhum padre sinodal, porém defendeu o acesso da mulher ao presbiterato, sim ao diaconato.

A mulher tem um modo peculiar de sentir Deus, e por isso ela enriquece a Igreja com sua energia, afeto, fervor e dinamismo. A sensibilidade facilita o caminho da fé e contribui para a maturidade religiosa.

Diante disso a mulher precisa ser "sujeito" na Igreja, tomar a dianteira de muitos setores, exercer a função de direção e de governo na Igreja e no mundo, inclusive na gestão das dioceses. Tenha ela mais espaço na liturgia, nos documentos eclesiais. Neste sentido foi solicitada a mudança do linguajar eclesial, incluindo sempre o nome da mulher nos discursos e documentos eclesiais.

Diversas intervenções na aula sinodal apontaram para a questão da mulher no Direito Canônico. Alguém pediu a revogação dos atuais impedimentos canônicos e uma nova legislação que inclua a mulher nos processos legislativos da Igreja e que fosse revisada toda espécie de exclusão da mulher na vida interna da Igreja.

Foi duramente criticada na aula sinodal a postura de uma parte do Clero que sustenta "oposição" a tudo que se refere à mulher na Igreja. Há quem reduza a mulher à condição de "coroinha" ou até de escrava, às vezes mal paga, por parte do Clero. Causou surpresa a intervenção do Cardeal Decourtray (Lião), denunciando aquelas situações onde as mulheres são "vítimas de seus pastores".

Não faltou no Sínodo a palavra profética em favor da mulher viúva, mãe solteira, separada, divorciada. Houve quem pedisse a revisão da praxe atual em relação ao acesso aos sacramentos de pessoas vivendo em segundas núpcias.

A Igreja precisa colocar a mulher em lugares onde ela nunca esteve: nos Seminários, colaborando na formação, nas escolas teológicas e no aconselhamento espiritual. Enfim, várias intervenções falaram da mulher explorada e marginalizada, especialmente no terceiro mundo.

Como podemos ver, o Sínodo sobre os leigos dedicou uma atenção especial à mulher, o que animou João Paulo II a escrever a "Mulieris Dignitatem", enfocando de maneira privilegiada e teologia do feminino. É o que agora passaremos a estudar.

III. A Teologia do Feminino nos Documentos Pontifícios Atuais.

1. A Mulher na História da Salvação.

a) Deus e a Mulher.

O anúncio da história da salvação, tanto no Antigo como no Novo Testamento, é confiado à mulher. Esta verdade está confirmada em Gn 3,15 e em Gl 4,4. No início do diálogo salvífico está a mulher. O confronto entre Deus e a humanidade acontece através da mulher. A mulher Maria representa a humanidade, e entre ela e Deus dá-se tal união que supera todas as expectativas. Nela temos o modelo ideal do diálogo entre Deus e a humanidade, modelo de liberdade humana e de fé madura (cf. M. D. n.º 3-5).

b) Fundamentos Teológicos da Dignidade da Mulher.

Depois de citar o texto básico (Gn 1,27) onde está revelado que Deus criou a mulher e o homem à sua imagem e semelhança, João Paulo II volta repetidas vezes a dois outros textos fundamentais: o de Gl 4,4, onde Paulo centraliza a mulher como "lugar" histórico, e ponto central onde se concretiza a história da salvação, e ainda o de Gl 3,28: "... não há homem nem mulher, todos vós sois um em Cristo Jesus". Por questão de brevidade não podemos aqui comentar estas passagens. Vamos apenas elencar os temas centrais nos quais o Papa fundamenta a dignidade da mulher: Jesus se encarna no corpo de uma mulher; chama mulheres para serem suas discípulas; aparece primeiro a uma mulher antes que aos apóstolos no dia da Ressurreição; confia às mulheres o anúncio da boa nova da Ressurreição e, por elas, aos apóstolos; o Espírito Santo, é derramado e derramado sobre as mulheres; elas participam do tríplice múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei. Para um aprofundamento da questão, cf. F. C. n.º 22; C. L. n.º 50 e 51.

O jeito de Jesus se relacionar com a mulher provocou surpresa e até escândalo

c) Jesus, Promotor da Dignidade da Mulher.

O jeito de Jesus se relacionar com a mulher provocou surpresa e até escândalo (Jo 4,27). O Senhor em diversas ocasiões e oportunidades demonstrou-se promotor da dignidade da mulher. Verdadeiramente um grande número delas se aproxima do Mestre e por Ele são beneficiadas: a sogra de Pedro, a mulher com fluxo de sangue, a hemorroíssa, a filha de Jairo, a viúva de Naim, a cananéia, a viúva da oferta no templo, a mulher da dracma perdida, as filhas de Jerusalém, a samaritana, a pecadora perdoada, Marta e Maria, as que o assistiam com seus bens.

Nestes encontros com o Salvador recebemos um ensinamento singular como no caso das prostitutas que "precedem os fariseus no reino" porque estão mais abertas à conversão. A adúltera não só é perdoada, mas é também superada o direito masculino, previsto pela lei, que se fundamenta na dureza do coração de condenar tais mulheres. Jesus supera esta discriminação lembrando que ela não peca sozinha e que o ethos da criação, desde o princípio, quer o homem e a mulher em igualdade de dignidade.

d) A Mulher, Paradigma Bíblico.

Desde o Gênesis até ao Apocalipse aparece a figura da mulher colaborando no diálogo da salvação. A luta entre o bem e o mal, que é uma luta a favor do homem, uma luta pelo sim do homem a Deus, se trava entre a mulher

e o Maligno. Ela irá esmagar o mal pela cabeça e aparecerá vestida de sol. Eis a mulher colocada na ordem do amor, paradigma bíblico em toda a economia da salvação. Nela a própria criação cósmica é salva. Esta mulher é modelo do diálogo e do confronto entre Deus e a humanidade, o paradigma de quem sabe dizer sim quando se trata da vontade de Deus.

e) O Feminino, Símbolo do Serviço Apostólico.

Para entender sua ação apostólica a Igreja recorre aos conceitos femininos como por exemplo: mãe, esposa, virgem. Paulo escreve: "Sofro por vós dores de parto" (Gl 4,19). O apóstolo ama os tessalonicenses como uma mãe que acaricia seus filhos (1Ts 2,7). O feminino é símbolo de humanismo e meio de a Igreja explicar seu próprio mistério.

f) O Profetismo da Feminilidade.

Há um profetismo intrínseco à feminilidade enquanto, desde o princípio, a mulher está destinada a ser portadora da promessa da salvação. Ela esmagará a cabeça da serpente (Gn 3,15). Desde o princípio a mulher foi criada na ordem do amor para amar e ser amada. A promessa original encontra sua mais alta expressão na encarnação do Verbo, onde a feminilidade é instrumento da ação divina. Eis o profetismo da feminilidade.

g) A Mulher e o Espírito Santo.

A mulher na ordem da criação é terreno fecundo para o amor criar raízes, porque o homem e a mulher são sinal do amor de Deus pela humanidade (Ef 5,21-33). Se na criação a mulher é terreno fecundo para o amor, na vida íntima de Deus o Espírito Santo é pessoalmente o amor, é o dom incriado. Este dom é derramado nos corações (Rm 5,5). Como o Espírito Santo é vínculo entre o Pai e o Filho, assim a mulher unida ao homem é "uma só carne", uma "unidade a dois". A feminilidade faz a mulher ser, no mundo, vínculo de convivência, de comunicação, de doação entre as pessoas, assim como o Espírito é vínculo do amor entre o Pai e o Filho (cf. M.D. n.º 29).

2. A Mulher na Vida da Igreja.

a) As Mulheres, mais Fortes que os Apóstolos.

Elas estão firmes ao pé da cruz, pois quem muito ama vence o medo. Estão presentes e participantes na via dolorosa, num misto de sensibilidade e fortaleza. A mulher de Pilatos dá testemunho de fortaleza quando reconhece e confessa que Jesus é justo. Sensíveis e fortes, as mulheres são as primeiras que vão ao túmulo e se tornam portadoras da boa nova, "apóstolas dos apóstolos". A mulher é forte e por isso Deus lhe confia o homem (M.D. n.º 30).

O marido é cabeça não no sentido de superioridade, mas de serviço e de doação

b) Um Novo Ethos: O Marido é Cabeça para Servir.

O marido é "cabeça da mulher" como Cristo é da Igreja no sentido de entregar-se como Cristo fez e doou a própria vida (Ef 5,25). O marido é cabeça não no sentido de superioridade, mas de serviço e de doação. Que o jeito de o marido amar a mulher seja o jeito de Cristo amar a Igreja. Em Cristo a submissão do marido e da mulher

é recíproca. Ser esposo-cabeça é tornar-se dom sincero (M.D. n.º 25).

c) A Virgindade é Materna e Esposal.

A virgindade é uma verdadeira maternidade espiritual porque, nesse estado, a pessoa é desposada no sentido de amar de modo total e indiviso. Os filhos da fecundidade virginal são os pobres, os doentes, os órfãos, os idosos (M.D. n.º 21). Por outro lado, a virgindade também é esposal enquanto significa doação, gratuidade, dedicação, abertura a Deus e aos irmãos.

d) A Mulher e o Ministério Ordenado.

Cristo foi muito livre no seu relacionamento com a mulher, superando a cultura, a tradição e a religião do seu tempo. Da mesma forma foi livre em chamar só homens como apóstolos seus. Com isso o Senhor não faz acepção de pessoas (Mt 22,16).

Na sua liberdade Cristo chama só homens para o ministério ordenado porque o sacerdote age "in persona Christi". Sendo assim, o sacramento é realizado só pelo homem, mas a Eucaristia toda é esposal, é dom, comunhão, partilha. Na Tradição temos visto as mulheres serem discípulas e exercerem ministérios, mas não chegaram a ser sacerdotizas. O não-acesso da mulher ao presbitério é vontade clara, livre e soberana de Jesus, pois aqui estamos na esfera da função e não da dignidade e santidade (cf. C.L. n.º 51; M.D. n.º 26). O Papa ainda recorda que os primeiros na Igreja são os santos e não os ministros. Nossa vocação maior é a santidade.

e) A Mulher e a Evangelização.

A mulher deve ter lugar e participação nos conselhos diocesanos, paroquiais, nos sínodos e concílios particulares, nas consultas e elaboração das decisões eclesiais, na preparação dos documentos pastorais e missionários, no ensino de teologia (cf. C.L. n.º 52).

Que a mulher evangelize a si mesma, diz João Paulo II, através de um claro discernimento onde possa distinguir o que é liberdade, emancipação, progresso, e o que, pelo contrário, é degradação, moda, ideologia, manipulação.

Duas tarefas merecem atenção especial: a dignidade da vida matrimonial e a maternidade. Hoje é comum entre as pessoas a impressão de que o matrimônio é instituição do passado e a família uma tradição em crise e até em extinção. Cabe à mulher evangelizar através de uma ação eficaz na família, onde ela é educadora das pessoas e formadora de cristãos, ao lado do marido. Que a mulher ajude o marido a superar seu absenteísmo do lar.

Outro aspecto da evangelização própria da mulher é a atração que ela deve exercer sobre o homem em relação à missão. Que a mulher atraia o homem para a Igreja e para a evangelização. Que os dois sejam "uma só carne" também na dimensão religiosa. Ambos em sua casa formam a Igreja doméstica. Que ambos possam estar formando também outras comunidades. A comunidade conjugal é raiz de todas as outras comunidades e sinal da comunhão trinitária.

3. A Mulher na Vida do Homem.

a) Pela Mulher, Deus Liberta o Homem.

Ao elaborar uma linda e profunda exegese de Jo 8,3-11 sobre a mulher adúltera (cf. M.D. n.º 14), João Paulo II conclui: ao pedir que atire a primeira pedra quem não tiver pecado, Jesus desperta a consciência do pecado da injustiça masculina, isto é, no pecado da adúltera está o pecado do homem. Ela não peca sozinha. Há alguém responsável com ela no mal. Por trás do seu pecado se esconde o pecado de outro. Assim, ao perdoar a mulher, Jesus atinge a conversão do homem.

A mulher é forte. Ela resiste mais ao sofrimento que o homem

b) A Mulher resiste mais ao Sofrimento que o Homem.

A mulher é forte na doação aos filhos, na doença deles, nos seus pecados, na morte das pessoas queridas, na solidão e esquecimento, nos trabalhos solitários, na viuvez, nas injustiças e exploração. A mulher é forte. Ela resiste mais ao sofrimento que o homem (cf. M. D. n.º 19)

c) A Mulher educa o Homem.

A mulher, enquanto geratriz do homem, é sua educadora desde o ventre materno. Depois, pela simbiose natural entre mãe e filho, continua sendo a primeira educadora do homem e forjadora de personalidades sadias. A mulher Maria também exerceu a função de educadora dos discípulos do Senhor. Outro aspecto da mulher como educadora do homem está no fato de que o feminino é rico em ternura, aconchego e afeto. Nesta área a mulher ensina o homem a ser pai, libertando-o do machismo e da insensibilidade. (cf. M. D. n.º 19).

d) Mulher, Deus te confia o Homem.

A mulher é uma força moral para o homem, para a Igreja e para a sociedade. Esta força é inerente à feminilidade, ao amor. As figuras femininas da Bíblia comprovam estas verdades. A mulher é forte e por isso Deus lhe confia o homem (cf. M. D. n.º 30). No mundo tecnológico onde desaparece a sensibilidade, o humanismo, a presença da mulher é força humanizadora. Assim lembramos a "mulher perfeita" (Pro 31,10) enquanto promotora da vida. A mulher civiliza o homem, a mulher é vínculo de comunhão entre os homens.

e) Não à Masculinização da Mulher.

Reconhecer a dignidade da mulher não significa masculinizá-la ou, pior ainda, diminuir o valor da feminilidade. Masculino e feminino são valores em si mesmos, é preciso descobri-los evitando toda manipulação de um contra o outro. Dominação e posse são perturbações do ethos da criação. A exploração da mulher é uma conseqüência do pecado (6n:3,16). Homem e mulher foram programados para viver um ao lado do outro e não um contra o outro. Novamente o Papa volta à idéia: uma "unidade a dois" (cf. M. D. n.º 10).

4. A mulher na Sociedade.

O lugar da mulher não é só a casa. Sua tarefa não se esgota em ser esposa e mãe. Tem direito e capacidade para atuar na vida e nas tarefas públicas, sem abandonar a função materna e familiar. Aqui está o desafio: ser mãe e ser profissional. Para que isso seja possível, João Paulo II propõe uma solução — uma nova teologia do trabalho doméstico onde a mulher exerce uma obra educativa insubstituível.

Não é pois justo que a sociedade exerça pressão para que a mulher abandone a casa, ou, pior ainda, venha inculcar a idéia de que a hora da mulher deriva mais do trabalho externo que da vida em família (cf. F. C. n.º 23).

Outra dimensão contemplada pelo Papa Wojtyła é o risco que corre a mulher em ser ela a primeira vítima da mentalidade consumista, reduzindo-a a coisa: objeto,

prazer, vítima de interesses, escrava, inferior. A discriminação na educação, na profissão e no trabalho pode ter sido introjetada pela própria mulher, vindo ela mesma a ser a primeira vítima da opressão, ela mesma concordando com a sua condição de inferioridade.

A mentalidade consumista é injusta com as mulheres estereis, viúvas, separadas, divorciadas, solteiras e com as mães solteiras (cf. F. C. n.º 24). Urge o fato de as mulheres serem protagonistas de sua libertação. É necessário um claro discernimento que venha ajudar a distinguir o que promove e o que escraviza a mulher hoje.

Os valores naturais que brotam da feminilidade conferem à mulher a chance de ela exercer na sociedade um serviço de capital relevância nos dias de hoje: ser fonte de força moral. Dizer mulher é dizer vida, sensibilidade, intuição, ternura, humanismo. A cultura moderna está carente destes valores. Cabe à mulher ajudar a elevar o nível dos ambientes profissionais e sociais, melhorar o nível moral da cultura, exercer a função ética de construir o ambiente social de um modo mais autêntico, responsável e sincero (cf. C. L. n.º 49).

Em cada época encontramos mulheres perfeitas como: Mônica, mãe de Agostinho, Macrina, Olga de Kiev, Matilde de Toscana, Edviges da Silésia, Edviges de Cracóvia, Elisabeth da Turingia, Brígida da Suécia, Joana D'Arc, Rosa de Lima, Elisabeth Seaton, Maria Ward e outras.

Ao reivindicar o salário justo, João Paulo II critica o salário insuficiente para o sustento da família, o que obriga a mulher a buscar o pão de cada dia fora de casa em detrimento da educação e formação dos filhos. É preciso valorizar socialmente as funções maternas, pois cuidar dos filhos não é desdouro para ninguém. Que a mulher não seja pressionada a pagar a própria promoção com o ter de abandonar seu papel de mãe. As mulheres que trabalham fora de casa não sejam discriminadas nem excluídas dos empregos segundo a índole que lhes é própria (cf. **Laborem Exercens** n.º 19).

Finalmente, na encíclica "**Dives in Misericórdia**", quando o Papa analisa o termo bíblico **rahamim** cuja raiz é **réhem**, isto é, seio materno, deixa claro que o amor de Deus tem conotação materna, misericordiosa, pois a autêntica misericórdia é a fonte mais profunda da justiça. A misericórdia com sua conotação materna é feminina é uma perfeita encarnação da igualdade entre os homens (**Dives in...** n.º 14).

A antropologia de João Paulo II supera todo platonismo, maniqueísmo e pessimismo

Conclusão

1. A antropologia de João Paulo II supera todo platonismo, maniqueísmo e pessimismo em relação ao corpo. É um golpe no machismo e na discriminação social da mulher.

2. O Papa assume a exegese do Gênesis na perspectiva relacional e não na procriativa unicamente, como era praxe no passado. "Uma só carne" é ser sinal da vida em comunhão, em equipe, em família, como Deus é no seu mistério trinitário.

3. Uma nova releitura dos textos bíblicos aparece bem nítida nos escritos que acabamos de analisar, onde o feminino é contemplado numa cosmovisão positiva, realista e inovadora.

4. Os escritos papais superam o modelo ético tradicional da doutrina oficial da Igreja e servem de fundamento para novas posições no âmbito da moral católica.

5. Apontaríamos alguns limites como: a Igreja nem sempre foi justa com a mulher. Não seria esta a hora de ela pedir-lhe perdão como fez com o caso Galileu e o caso Lutero? A partir da nova visão do feminino, não seria justo rever a questão dos anticoncepcionais que recaem afrontosamente sobre a mulher? Como poderia ser analisada a presença do feminino dentro do próprio masculino para uma melhor compreensão antropológica do psiquismo humano? Além disso, a teologia do feminino não poderia ser base para uma nova imposição do celibato na Igreja?

6. A Carta Apostólica **Mulieris Dignitatem** certamente passará para a história como uma grande contribuição teológica sobre a mulher, mas a sua dimensão social ficou um tanto postergada. Talvez a humanidade estaria solicitando por parte da Igreja um posicionamento mais decisivo na perspectiva social do tema. Um verdadeiro "sinal dos tempos", segundo escreveu João XXIII em 1963.

7. A teologia do feminino em João Paulo II se confessa aberta, atualizada, mas sem paguear os modismos do tempo.

Pelo contrário, convida a sociedade e a teologia a renovar sua mentalidade sobre o matrimônio e sobre a maternidade, sem condenar o trabalho da mulher fora de casa.

8. Poderia dar a impressão de que o feminino nos escritos pontifícios estaria sendo analisado mais na perspectiva do esponsal que do feminino em si mesmo. Creio que as duas perspectivas se fazem presentes. Há muita reflexão sobre a mulher enquanto feminina, e ao mesmo tempo enquanto esposa, ou melhor, a perspectiva esponsal iluminando o feminino.

Bibliografia

Grecco R., *Magistério Eclesiástico Recente*, in *Concilium*, 193, 1984/3. *Homem e Mulher, Reflexões de João Paulo II*, Editora Cidade Nova, SP, 1982.

"L'Osservatore Romano". (período de setembro de 1979 a abril de 1980). Exortação Apostólica "Familiáris Consortio" (sobre a família — 1981). Exortação Apostólica "Christifidéles Laici" (sobre os leigos — 1988). Carta Apostólica "Mulieris Dignitatem" (sobre a mulher — 1988).

Endereço do autor:
Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 — Florianópolis — SC

A MULHER VIÚVA (depoimento)

Dilma Orofino
Viúva de Miguel Orofino

Movimentou-se mais uma vez a Igreja do Brasil na Campanha da Fraternidade, desta vez com o tema: "Mulher e Homem, imagem de Deus".

Pessoalmente, este tema não me trouxe novidades maiores. É que, como mulher casada, construímos, meu marido e eu, uma vida de parceria, ombro a ombro, dividindo nossas capacidades, nossas potencialidades, unindo nossas forças conjugalmente, em todos os setores de nossas vidas.

Tanto estava eu a par de suas atividades profissionais, ajudando-o a se firmar cada vez mais no seu setor de trabalho, participando de seus congressos e seminários, como ele me complementava no serviço da casa. Basta falar que nunca fiz compras sozinha ou me levantei à noite para atender às crianças — que não eram poucas!

Como casal, muito servimos à Igreja no Movimento das Equipes de Nossa Senhora e no Instituto Arquidiocesano da Família.

Mas meu depoimento deve focalizar mais a minha condição de viúva, mulher só, com o encargo de uma família que já está no 24º integrante, entre filhos, genros, noras e netos.

Moro só, num pequeno apartamento, mas não sinto solidão nem abandono. Pois busco cultivar e alimentar minha vida cristã na aceitação do sim do meu casamento. O estado de viuvez é um estado difícil, se não for norteadado pela fé.

Apreendi, nestes dez anos de viuvez, que Deus, que conhece nossa fraqueza, não só nos revela progressivamente até onde nos quer levar, como todos os dias, com

uma lucidez cada vez maior, nos impele à renovação do nosso compromisso matrimonial e à sua aceitação.

Hoje eu sinto que devo continuamente aceitar a vontade de Deus; ter a preocupação de dizer o meu sim para viver, como me disse alguém numa carta de pêsames. . . "a senhora tem um pedaço do céu em sua casa!"

Apesar de tudo, sinto uma discriminação da mulher viúva, não só na sociedade como também na Igreja. As escrituras são pródigas no cuidado e na proteção às viúvas e aos órfãos, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

do ponto de vista humano, a viuvez é uma desgraça

Apesar da censura machista de São Paulo que chama, algumas delas, as "viúvas jovens", de "tagarelas e mexeriqueiras" (cf. 1Tm 5,13), Jesus sempre as amparou e protegeu. Neste sentido gosto de refletir no lindo episódio da oferta no Templo, quando a pobre viúva, entregando o pouco que tinha, deu mais que todos. . . (cf. Lc 21,1-4).

É que, do ponto de vista humano, a viuvez é uma desgraça que marca toda uma vida, mas do ponto de vista cristão é uma etapa para uma renovação maravilhosa do amor. Do ponto de vista humano é uma separação; do ponto de vista cristão, é uma preparação para um novo encontro.